

BIBLIOTECA: QUE ESPAÇO É ESSE?

Flomar Ambrosina Oliveira Chagas¹

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar as concepções e as funções da biblioteca desde a Antiguidade até os tempos atuais. Para não correr o risco de se perder no tempo e pelo esquecimento, apresentam-se em diferentes momentos históricos, suportes para abrigar e conservar os escritos, assim como em barro, em papiro, em pergaminho, em papel e em virtual. Buscou verificar ainda, se esse espaço do conhecimento poético e científico contribui para a formação de leitores e leitoras. A conclusão a que se chega é que a biblioteca, em diferentes momentos históricos, como possibilidade de descoberta tem sido um lugar sem vida, ela foi e ainda é renegada ao silêncio, evidenciou que a biblioteca, como produto social, também se encontra permeada por relações de poder. Ao verificar se as bibliotecas, especialmente as públicas, contribuem para a formação de leitores e leitoras, o presente estudo trouxe à tona uma afirmativa desanimadora, ou melhor, uma negativa. As bibliotecas não cumprem com o papel de formação de leitores e leitoras. A biblioteca ainda é um tema de investigação praticamente inexplorado, o que se comprova pela análise da literatura, pela ausência de projetos de pesquisa e com inexistência (ou da rara existência) de discussão do tema nos eventos acadêmicos. Que lugar ocupa a leitura do livro, no espaço da biblioteca? A biblioteca deveria fazer parte do planejamento geral do ensino. Esse espaço de leitura é significativo para a educação literária, poética e científica. O suporte teórico, veio principalmente das obras de Bachelard, de Chartier, de Foucault.

Palavras-chave: biblioteca, leitura, silêncio.

Introdução

O motivo que nos leva a uma pesquisa teórica sobre o tema, no curso de doutorado em Educação, na PUC-GO, é o de saber da importância da leitura na vida dos seres humanos e deparar com a miséria da biblioteca escolar. A biblioteca deveria ser o centro de uma instituição educacional, deveria proporcionar, especialmente, às crianças, eternas aprendizagens, momentos de deslumbramentos, vivenciar emoções por meio das páginas. E pelo hábito de fragmentar, dicotomizar razão e emoção, mental e corporal, é que se enfatiza a razão e corpo em detrimento da imaginação, da emoção a tal ponto de se tornar normal no nosso cotidiano.

A biblioteca ainda é um tema de investigação praticamente inexplorado, o que se comprova pela análise da literatura, pela ausência de projetos de pesquisa e com inexistência (ou da rara existência) de discussão do tema nos eventos acadêmicos. Para Silva, (2003, p.15), “Quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos [...] de objetos que não estão sendo empregados por terem

¹ Flomar é doutora em Educação pela PUC/GO, é professora no Instituto Federal de Goiás/IFG, Campus de Jataí, e-mail: flomarchagas@gmail.com

perdido sua utilidade”. Sem dizer do silêncio predominante da produção científica sobre esse tema.

Ao realizar um levantamento nos catálogos e teses da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), Silva (2003) constatou que, no período de 1983 a 1989, das 1.595 monografias publicadas, apenas três trataram da biblioteca escolar. Os anais de congressos e outras obras privilegiam o problema da informação científica e raramente a problemática das bibliotecas escolares. Os anais da Anped do Centro-Oeste de 2010 constam de 1063 títulos de trabalhos publicados, menos de cinco deles trataram de bibliotecas.

De acordo com Silva (2003, p. 26), “dentre os principais periódicos como *Educação & Sociedade, Caderno de Pesquisa, Ande, Cadernos Cedes* entre outros, talvez não encontremos, em nenhum número publicado até então, qualquer trabalho relacionado à biblioteca escolar”. Mas, para (SILVA, 2003 p.19/22). “O silêncio que mais surpreende, que mais choca é o dos bibliotecários. [...] Os bibliotecários, de maneira geral, parecem estar satisfeitos ou, pelo menos, resignados com o estado atual da biblioteca escolar no Brasil”, é o silêncio consentido”. Para Eco (1994), é o lugar onde se encontram muitas ferramentas e materiais essenciais para o trabalho escolar, que proporciona abertura de horizontes, mas tem sido ignorada como assunto digno de reflexão, de estudo. Justifica-se, dessa forma, a biblioteca escolar ou a pública como tema fértil de pesquisa, tema relevante.

Como se considera a relação da escola, do ensino com a biblioteca ou sem ela? Considera-se verdadeiro um princípio ou um sistema porque lhe é útil, enquanto adequados à realidade existente. Como afirma Foucault, não existe a verdade, mas as verdades, pois elas são construídas historicamente,

a 'verdade' é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); a 'verdade' é objeto de debate político e de confronto social (as lutas 'ideológicas') (FOUCAULT, 2008, p.13).

E no tempo atual, a verdade da biblioteca tem sido o regulamento, se ela cumpre com o regulamento, pouco importante é se forma ou não leitores e leitoras. Daí a importância de os professores, de as professoras, de os intelectuais saberem que poderes são necessários enfrentar e quais nossas possibilidades de resistência hoje, Foucault preocupa-se é com o presente. Se a biblioteca tenta fechar os sujeitos e os saberes, no ímpeto de torná-los iguais, *A Chama de Uma Vela, de Bachelard* (1989), põe em claro que mesmo unindo duas velas, as

chamas não se tornam iguais. Por mais que busquem fazer dos usuários indivíduos homogêneos com atitudes e comportamentos iguais, sempre haverá brechas por onde os sujeitos mostram diferentes, ensaiando novas formas de pensamento, novas formas de organização e de transmissão mais horizontais, abrindo caminho a outras formas de relação na escola, que envolvam a biblioteca. Porém as bibliotecas não têm conseguido se adaptarem à ligeireza necessária, mesmo assim, os pensadores são unânimes ao escreverem que a biblioteca do passado foi o que a sociedade determinou, e assim também o será no momento atual e no futuro.

Espaços de leitura

Lê-se mais do que nunca, mas o que se lê está longe de ser literatura. Daí, a necessidade de incrementar a leitura literária na escola, proporcionando às alunas e aos alunos um espaço habitado por livros diante de um ambiente desoladoramente despovoado deles ao se encontrarem confinados nas bibliotecas, quando estas existem.

Mas se a escola foi criada para ensinar a linguagem escrita, pensar que esse objetivo pode ser alcançado sem nela mergulhar principalmente na leitura é tão absurdo como pensar que se pode ensinar a nadar sem uma piscina onde alunas e alunos possam mergulhar. É nesse ponto que a biblioteca deve intervir fazendo parte do planejamento geral do ensino, que se deve precisar que lugar ocupa a leitura do livro, que espaço ocupa a biblioteca. Esses espaços de leitura são significativos para a educação literária, poética, científica.

Ler é esclarecer os argumentos, ponto de vistas, vivências e sentimentos contidos no lido. Dá forma a nossas capacidades de olhar o mundo de outra forma, permitindo imaginar outros mundos... Ler como disse Gilberto Gil (2010)

É transcender, é possibilitar, é ir além do nosso mundo imediato – tantas e tantas vezes nos abrigamos no confronto acolhedor da leitura. [...]. Ler é abrir janelas, destramar portas, enxergar com outros olhares, estabelecer novas conexões, construir pontes que ligam o que somos com o que outros, tantos outros, imaginaram, pensaram, escreveram. Ler é fazer-nos expandidos. E que convívio maravilhoso se dá numa Biblioteca, esta magnífica invenção coletiva da Humanidade: envoltos no manto do silêncio que aí reside e que nos convida à concentração e à reflexão, as Bibliotecas nos dão acesso aos infindáveis conhecimentos encontrados nos livros, dispostos em convívio pacífico, lado a lado, em suas estantes e prateleiras.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Os livros são feitos para circular. Eles não devem ficar inertes em uma biblioteca, ao contrário, devem ser lidos, em momentos de leitura livre em que a professora ou o professor também leia; planejar as atividades diárias de leitura; visitar a biblioteca e debater sobre o lido, possibilitar às alunas e aos alunos a escolha de suas leituras por meio da sugestão de vários títulos, por fim, deve-se construir na escola uma política de formação de leitoras e leitores quando todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar. Formar leitores e leitoras requer condições para a prática de leitura como dispor de uma boa biblioteca na escola.

Segundo Bachelard (2006) em, *A Poética do Devaneio*, é a partir do devaneio, proporcionado pelo poético, que somos seres livres. Ser livre, portanto, é ser capaz de questionar a política, de questionar a maneira como o poder é exercido, contestando suas reivindicações de dominação.

Daí a importância também de as professoras, de os professores, de os gestoras e de as gestoras assimilarem contribuições da epistemologia de Bachelard, de Foucault. Pode-se salientar o quanto eles contribuem para repensarmos nossas concepções a respeito do conhecimento comum. Eles nos colocam diante da obrigação de questionar o conhecimento cotidiano dos e das estudantes, bem como permitir o questionamento de nosso próprio conhecimento cotidiano, no processo de ensino-aprendizagem.

Sentimos imensa dificuldade de superar obstáculos chamados por Bachelard (1996) de *obstáculos epistemológicos*, como a distância entre a escola e a biblioteca. Se há esta distância, isso dificulta o trabalho com a leitura que faz enxergar o que está ao nosso redor com mais exatidão, com mais nitidez cada uma das diversas gradações de uma cor; a leitura com múltiplos olhares, tom, tonalidade; sentidos diversos como no texto imagético da página que nos leva a perceber a diferença delicada entre coisas do mesmo gênero, o grau de força ou de doçura das imagens. Pela leitura registramos imensuráveis fatos da nossa vida; sem elas escapam-se tanto os fatos corriqueiros quanto histórias importantes da humanidade.

E a escola que deveria ser o espaço por excelência de desenvolvimento de leitura e escrita acaba por se tornar indiferente a essa questão fundamental, pelas ineficientes condições de trabalho, especialmente das bibliotecas escolares. A biblioteca no seu quase silêncio, limitada quase sempre no tempo e no espaço, no murmúrio que ainda resta, precisa se recompor e ganhar voz, vez que é ilimitada nas suas possibilidades de construir e reconstruir o mundo. As bibliotecas escolares estão longe de merecer a denominação de biblioteca.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Diante das precariedades das condições de trabalho, do pouco entusiasmo pela profissão, a professora e o professor sentem-se desmotivados e desinteressados em ampliar seus conhecimentos, daí surgem resistências a mudar suas práticas. Libâneo (2000) diz que os professores incorporam a cultura institucional que tem uma história, pretensões, rotinas, estilos estabelecidos. Ao conviver com a cultura da escola, as professoras e os professores se orientam de três formas: O *presentismo*, as professoras e os professores preocupam-se em resolver problemas imediatos, concentram seus esforços nos planos de curto prazo na sala de aula e acham que podem conseguir alguma realização. O *conservadorismo* – as professoras e os professores resistem a mudanças, para tanto evitam discussões, reflexões que tratam do que ensinam; e o *individualismo* – recusam a colaboração das e dos colegas por medo de críticas ou de interferências no seu trabalho.

Buscar alternativas para a leitura, recuperar a imaginação criadora diante da precariedade do magistério brasileiro é uma questão extremamente difícil, mas nunca *impossível*. A professora e o professor, em conjunto com a biblioteca, precisam construir uma nova forma de posicionar-se, como elaborarem e executarem projetos de leitura e, sobretudo, brigar por bibliotecas, pois, sem esse suporte é quase impossível formar leitoras e leitores. Esses fatores calam a voz das professoras e, conseqüentemente, emudecem também a voz das alunas e dos alunos.

Mudanças significativas não acontecem por decreto, envolvem processo de compartilhamento, mediado por uma educadora ou um educador experiente que instigue avanço. Portanto, a lei 12.244 de 24 de maio de 2010, sobre universalização das bibliotecas, levará décadas para mudar a realidade delas, “os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos”, (BRASIL, 2010).

A lei é uma direção, será necessário, porém, o envolvimento de toda a sociedade neste desafio de se construir 25 bibliotecas por dia até 2020, nos estabelecimentos do ensino, prazo limite para adequação à medida. O livro eletrônico barateia os custos de acesso ao conhecimento, mesmo sendo de forma virtual, corporifica a biblioteca de Babel ideada por Jorge Luis Borges.

Diante do poder eletrônico promovedor de diferentes possibilidades, acredita-se no fim do livro, mas no início do século XX, o cinema, como nova expressão artística, ameaçou a hegemonia do teatro que, por sua vez, é ameaçado pela televisão, em seguida vieram os

videocassetes, DVD, canais pagos entre outros se harmonizaram entre ruptura e continuidade, o que sugere que o livro também não vai desaparecer. Contudo, com a internet deve se repensar a etimologia, o conceito de biblioteca; com a biblioteca virtual é necessário repensar a autoria, o direito autoral é constantemente violado, por meio da indústria da fotocópia, que se inicia na graduação, nas próprias universidades.

Para Chartier (1999, p. 106), “não se decreta uma revolução técnica. Ela não é tampouco suprimida. O códex a realizou quando suplantou o rolo”. Dessa forma, com o surgimento do livro eletrônico (*ebook*), como afirma este historiador, o mais provável para as próximas décadas é a coexistência entre as duas formas do livro, a impressa e a eletrônica e, também, os três modos de inscrição e de comunicação dos textos – a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica. De acordo com Chartier, à medida que a pessoa tiver necessidade de registrar sua história e seu pensamento, ela criará novos elementos que atendam as necessidades do seu tempo.

Ao revisar sobre a evolução das funções e papéis da biblioteca na sociedade, Müller (1984) afirma que a instituição biblioteca não é uma entidade independente; para ela, a biblioteca depende inteiramente de uma série de fatores: depende do seu contexto social, cultural, econômico, político, tecnológico.

A biblioteca, na época atual, deveria ter como principal função o apoio ao ensino nas duas vertentes, a científica e a poética. Todavia, a política educacional, pouco contribui para isso. Os conteúdos acadêmicos ocorrem por meio de reprodução de textos fragmentados. Vive-se a era da fragmentação, a formação de formadores e de formadoras ocorre, na maioria das vezes, em fragmentos de capítulos e não por meio do livro por inteiro, além disso, Libâneo (2000, p.4) diz que,

a baixa formação cultural tem provocado um efeito-cascata no sistema de formação de professores: Os candidatos a professores entram na faculdade com um baixo preparo cultural e científico, os professores universitários ou desconsideram esse fraco repertório cultural ou rebaixam o nível de exigência teórico. [...] Espera-se formar sujeitos pensantes, sem que eles próprios tenham desenvolvimento das habilidades de pensamento.

Na educação básica a soberania é do livro didático. Enquanto nas poucas bibliotecas, os livros organizados, cheirando a mofo e grande parte de seus funcionários com a função simples de “guardião de livros” de classificar, catalogar e pedir silêncio, num

processo burocrático e procedimentos técnicos que não atendem às necessidades dos e das utentes. Contrariando a ideia de Foucault, segundo a qual na *Idade do Livro* deveria ser a época do estudo árduo, do pensamento que leva à educação formadora. Pensar exige concentração, é atividade demorada, exige esforço, estudo tanto o científico quanto o poético.

A história tem nos mostrado que a escola, sozinha, não é capaz de promover plenamente o acesso à leitura e à educação, necessita, pois, de outros espaços, como o das bibliotecas para que essas práticas ocorram. Ela se caracteriza como lugar privilegiado para que a alquimia da leitura e dos processos educativos se desenvolva e se efetive. Isto porque, por entre seus corredores e estantes que preservam a infinitude do conhecimento humano, cada usuário e usuária se sente confortável para buscar, encontrar e utilizar conhecimentos geradores de outros novos conhecimentos.

Nos tempos antigos, a biblioteca era depósito, *casas dos tabletas*. Além de local de guarda e manuseio de material escrito, a primeira função da biblioteca, historicamente, era indistinta da função do arquivo, tinha a função de memória, que se refere a reunir e preservar os registros do conhecimento.

As tabletas feitas com argila aquecida até adquirir condição própria para a escrita são os primeiros livros de que se têm notícias. Algumas por serem pesadas, uma pessoa a segurava para a outra redigir. Com certeza, foram nessas tabuletas que os monges coptas do Egito se inspiraram para criação do códice, formato do livro como conhecemos hoje. Muitos, inclusive, supõem que o vocábulo *book* em inglês tenha vindo de *boc*, termo anglo – saxão que designa a faia, cuja madeira era muito usada na confecção das tabuletas. Uniam-se duas tabuletas com cordão formando um bloco. “É provável que, no Egito, os escribas tenham adaptado as folhas de papiro ao formato desses blocos, substituindo assim o rolo, formato-padrão dos livros da Antiguidade” (BATTLES, 2003, p.63).

As bibliotecas mais antigas nasceram no Oriente e abrigaram basicamente documentos gravados em pedra. Também faz parte da própria história oriental o sonho de acumular num espaço delimitado todos os pensadores, obras e ciências, enfim, todo o saber acumulado no mundo. As bibliotecas de Ebla e de Assurbanipal são consideradas as mais antigas do mundo. São os mesopotâmicos os criadores da Arquivologia e da Biblioteconomia, assim como também são deles os primeiros catálogos ou listas de obras.

A concepção de biblioteca como reunião de acervo e preservação do conhecimento também se faz presente desde a Pré-História, quando surgiram as primeiras Bibliotecas, cuja

maior preocupação era a manutenção do acervo; é a biblioteca como memória do povo, concepção esta que perpassa toda a história das bibliotecas até nossos dias.

A história da biblioteca é longa e se perde no tempo como se perde o leitor no labirinto de suas estantes. O próprio termo revela procedência e especificidade. *Biblios* e depois *biblion* são palavras de origem grega que significam “livro” ou “casca, película de papiro”. O vocábulo *biblioteca* surgiu da união de duas palavras gregas – *biblio* e *téke* – que teriam, segundo Schwarcz (2007, p.123), o significado conjunto de “prateleira ou depósito para guardar livros, escritos, rolos de papiros e de pergaminho arrumados em estantes”. O livro era chamado de biblos, em homenagem à cidade fenícia de Biblos e era uma folha de papiro apresentada como um rolo. Para lê-lo, com a mão esquerda se desenrolava o papiro e com a direita se segurava o restante do rolo. Foi no começo da Era Cristã que surgiu o livro, como assim o conhecemos de folhas dobradas e paginadas, encadernado, muito diferente do livro da época platônica.

E os leitores? A Biblioteca de Alexandria inspirou poder, era um lugar erudito destinado aos homens de letras. Já a biblioteca medieval era um centro de produção de manuscrito. Na Alta Idade Média, elas destinam-se apenas à minoria que frequentavam os conventos, mosteiros e palácios, as primeiras bibliotecas reais eram acessíveis apenas aos sábios.

O livro na Idade Média, além do valor material e intelectual, tinha um valor da cruz, sagrado, algo intocável, divino. As bibliotecas eram espaços reservados para leitura que se dava numa relação de autoridade, como um rito sagrado. Elas não se encontravam abertas ao uso do público, estando ligadas às grandes ordens religiosas, aos mosteiros, e às catedrais que as viam como sagradas. Elas representavam a solidão, o poder, o mistério, a contemplação, a tranquilidade, consolidando-se, assim, na sociedade por toda a história, devendo, ainda, manter o livro e a palavra escrita fora do contato com o mundo profano. A prática de leitura de entretenimento (poesia e livros de magia) do Mundo Antigo foi limitada apenas às Escrituras Sagradas no interior das Igrejas, dos claustros, das escolas religiosas, na Alta Idade Média dos séculos V ao X. As bibliotecas privadas eram praticamente inexistentes, exceto algumas dos reis e, ou dos imperadores, que viam o livro como interesse material devido às belas e ricas ornamentações.

Esta concepção, ainda está presente na própria arquitetura das bibliotecas, construções que passam essa imagem de sagrado, de nobreza, de poder. Nas salas escuras das

bibliotecas, de ar e livros pesados, reinavam a ordem e o silêncio, quando os guardiões desse imensurável tesouro inspiravam temor, reverência e pouca simpatia. Este temor e pouca simpatia, infelizmente, ainda se fazem presentes nas bibliotecas atuais. Toda cultura monástica se constrói a partir da Bíblia. Do século VI até o fim da Idade Média, o saltério torna-se o livro de leitura elementar no Ocidente. *A Bíblia, lectio divina*, era por excelência o livros dos monges, conforme o que escreve Riché (2006, p. 248):

se alguém deseja fazer poesia, deve ler os salmos, se dialética, as epístolas de São Paulo; para quem se interessa pela ciência, o Gênesis é o livro que se deve estudar, e, caso se queira fazer história, o Antigo Testamento, e em particular o Livro dos Reis oferecem uma longa série de acontecimentos.

O livro foi essencial na vida monástica e na manutenção da unidade religiosa europeia. Num mosteiro medieval, vivia-se a maior parte do tempo entre livros. Monges copistas, grandes estudiosos e leitores de textos religiosos reuniam-se naquele local de culto a Deus. No mosteiro, “o livro não era copiado para ser lido” (CHARTIER, 1999, p.99), importava mais guardá-lo, pois o saber permanecia entesourado, tal qual um bem patrimonial. Cada mosteiro, com sua biblioteca enriquecida pelo trabalho dos escribas, era como uma editora que permitia a sobrevivência e a difusão dos livros. Por um lado, há controle rígido sobre a circulação dos livros e sua existência por parte dos soberanos e dos monges; por outro, os escribas também tinham poder sobre os livros, pois eram eles que os mantinham vivos.

O poder, então, encontra-se atuando em todas as relações possíveis na sociedade humana e, sobretudo, no trabalho. Foucault (1999) é categórico ao declarar que a posse do poder inexistente, visto que é o movimento do poder que existe, ele se exerce e é exercido instantaneamente. Diria, então, que o poder está nos soberanos, nos monges, nos escribas. Assim sendo, segundo Foucault (1999), o poder é de todos e não é de ninguém. Para ele, o poder é algo que circula, se exerce em rede, não está sob o domínio ou controle de um eixo central.

Foi durante o Renascimento que as bibliotecas, realmente, iniciaram sua função de divulgadora da informação. Época áurea das bibliotecas; talvez se possa dizer que nessa época o livro viveu a sua mais bela e apaixonante história; é o livro livre das salas escuras, livro desacorrentado, para que na *Idade do Homem* pudesse ser social, havendo maior consciência

social do seu significado. Foi também no período renascentista que houve a preocupação com a situação física dos livros, com a disposição arquitetônica; a organização interna e tantos outros detalhes começaram a ser avaliados nas bibliotecas e medidas técnicas foram tomadas para superar os problemas existentes.

O momento renascentista contribuiu para a mudança do papel do bibliotecário, como agente central da sustentação das bibliotecas, passando de pessoa responsável pela conservação e reposição dos livros (cuidador de livros), aluno ou professor de pouca categoria, para uma pessoa de importante formação intelectual. Segundo Naudé, por ser um guia de ajuda na caminhada para um mundo novo e aberto, o bibliotecário deveria ser pessoa culta, com formação específica na elaboração de instrumentos bibliotecários de controle e de ordenação de fundos a serviço da cultura e da ciência. Cria-se assim, a figura do bibliotecário profissional. Além do mais, para o francês Naudé, o profissional que ali trabalhasse teria como principal incumbência orientar a leitura dos que buscassem este recinto do saber.

Desde Naudé, tem-se proposto mudanças relacionadas tanto à profissão do bibliotecário, quanto ao abrir as portas da biblioteca a toda comunidade. Esta visão revolucionária marca a transição para as bibliotecas modernas. Chartier (1999, p. 69) escreve que para Naudé, não há nenhum meio mais honesto e seguro para se adquirir um grande renome entre os povos do que construir belas e magníficas bibliotecas, para depois consagrá-las à utilidade pública. Surgem também, no século XVII os clubes do livro e a ideia de biblioteca itinerante, com o intuito de manter o interesse pela leitura.

Um dos acontecimentos significativos do século XVII foi o desenvolvimento da biblioteca pública. Mesmo com menor impressão do livro devido à crise econômica vivida na Europa, pela peste, pelas guerras religiosas, houve maior interesse pela produção literária. As pessoas, valorizando a biblioteca, empregam nelas suas riquezas, possibilitando aos seres humanos o conhecimento das experiências acumuladas. Surgindo assim, as comunidades científicas.

Nessa época, nas bibliotecas universitárias, os livros foram perdendo seu caráter de objeto sagrado e secreto. Começa um estilo outro do silêncio. Enquanto os livros das bibliotecas monacais eram inacessíveis, nas bibliotecas das universidades eram disponíveis aos utentes, mesmo acorrentados às paredes, amarrados a grossas correntes.

do ponto de vista arquitetônico, essa nova biblioteca é constituída por uma sala comprida, com um corredor vazio no centro, sendo a sala ocupada, nas

duas naves laterais, por filas paralelas de bancos, dos quais os livros, para leitura e consulta, ficam presos por meio de correntes. A planta é, em resumo, a da igreja gótica; e se trata de uma semelhança que vai muito além do fato puramente arquitetônico, visto que assume as novas exigências próprias da civilização gótica. A biblioteca sai da solidão do mosteiro ou do limitado espaço que lhes destinavam os bispos nas catedrais românticas, para se tornar urbana e ampla. O quadro que define esse novo modelo de biblioteca é o silêncio: silencioso deve ser o acesso ao livro, perturbado apenas pelo tilintar das correntes que o prendesse ao banco. Silenciosa deve ser a procura de autores e de títulos [...] (CAVALLO; CHARTIER, 2002; p.23).

Como se vê, os livros ficavam presos por correntes às estantes e eram, assim, levados às mesas de leitura. Desse modo, as bibliotecas pré-renascentistas trouxeram o caráter de espaço de liberdade e de conhecimento à biblioteca, instrumento fundamental para a circulação de ideias. O monopólio do saber saiu dos mosteiros. A partir do momento que os livros vão saindo dos mosteiros para as universidades, vão também mudando a forma de ler a que Chartier (2007), chama de ‘revolução da leitura’.

A história da leitura é feita de mudanças significativas quanto ao *estilo* e às *modalidades de leitura*. Quanto ao estilo de leitura, entre 1500 e 1750, na Europa ocidental, a leitura era altamente intensiva. O leitor intensivo deparava-se com um número limitado de livros lidos, relidos, memorizados; leituras demoradas, que perpetuam sob os mesmos textos ou as mesmas formas passando de geração a geração, um trabalho de apropriação lento, atento e repetido. Leitura apoiada na escuta e na memória, reverencial e respeitosa. Liam-se poucas obras: a Bíblia, alguns livros de devoção, o almanaque, a Biblioteca Azul, mas todos lidos repetidamente. Tal maneira de ler era marcada fortemente pela sacralidade. A Era do Pergaminho se dobra diante da Era do Papel, quando a oralidade vai perdendo força para o diálogo privado e solitário da página impressa gutenberguiana.

Sobre as modalidades, vale ressaltar principalmente a passagem da leitura oral à leitura silenciosa e visual, que durou toda a longa Idade Média. A leitura oral era indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, comunicando o texto aos que não o sabiam decifrar. Durante essa época, os textos ainda eram constituídos e realizados com a voz e com o corpo e eram criados e recriados no processo de interação e improvisação. O “autor oral” está sempre ali. Em todos os lugares, a comunicação oral teve prioridade e um livro era considerado publicado se fosse lido em público por um criado, a quem denominavam de leitor, ou pelo próprio autor. Os copistas gregos, escribas, redigiam o texto em colunas, sem divisões, sem pontuação e sem minúsculas.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A transformação da leitura foi lenta, durou toda a longa Idade Média, quando a leitura mais quieta dos séculos ganhou o mundo das escolas e das universidades no século XII, época em que as bibliotecas ganharam novos espaços para além dos mosteiros, com o surgimento das cidades e das universidades da Europa.

Vêm dos séculos XIII e XIV as primeiras regras a impor silêncio nas bibliotecas, quando aumentaram os leitores, que liam sem murmurar. Até então, os livros contavam mais com ouvintes do que com leitores. Mesmo a leitura silenciosa, compreendida como um processo de longa duração, tendo tornado prática comum, a leitura em voz alta permanece ligada a práticas de convívio social. A leitura silenciosa torna-se mais rápida entre os séculos XV e XVIII quando se multiplicam as divisões do texto (versículos, capítulos, artigos, parágrafos).

Atualmente, a biblioteca tem sido um lugar pouco atrativo, com usuários que a frequentam esporadicamente, eles vão em busca de um livro para copiá-lo, se educação básica ou fotocopiá-lo, se graduação. A pouca atração para adentrar as portas da biblioteca, conseqüentemente dificultará adentrar as páginas do livro. Assim, a Idade do Livro convive sem nenhuma resistência com o silêncio da biblioteca.

Na idade média brasileira, e séculos depois, por exemplo, não houve a preocupação com a formação de leitores e muito menos com a de leitoras. A censura chegava de todas as formas, no silenciar das políticas públicas, das políticas de ordem religiosa, econômica e militar. O silêncio veio na condição de censura. Censura quanto à produção e à circulação de livros ocorreu tanto por parte dos religiosos, dos políticos como pelas condições econômicas nos diversos momentos da nossa história. A primeira forma de censura à leitura no Brasil, com certeza, está na proibição das obras poéticas (poemas) e dos romances, para não causar devaneios na mente dos jovens e nem obstáculos ao cultivo do latim. Por isso, os livros enviados da Europa pelas ordens religiosas, em 1553, eram em Latim, uma forma de controlar quais livros os alunos deveriam ler. Por outro lado, eram obrigatórias as leituras das Sagradas Escrituras e da vida dos santos, como as obras de Santo Tomaz de Aquino, principalmente nos cursos de Humanidades, Artes e Teologia, no colégio da Bahia. A leitura destes livros tinha o poder de catequizar, de elevar o espírito e, ainda, o poder de exorcizar.

Se o silêncio da censura amordaçou livros e bibliotecas durante os primeiros séculos da nossa história, a expulsão da Companhia de Jesus foi terrível para as bibliotecas. Silêncio gritante! A quase totalidade delas “foi dilapidada, roubada ou vendida como papel

velho a boticários para embrulhar unguentos” (MORAES, 2006 p.10). O que sobrou foi destruído pelo clima úmido e pelos insetos. As bibliotecas conventuais entraram em decadência nos fins do século XVIII. O INL foi silenciado da função de circulação de livros. E o livro didático usado na educação básica fragmenta o conhecimento e não aguça o gosto pela leitura.

Considerações finais

A escola envolve a biblioteca nos seus projetos pedagógicos? Será que a biblioteca é um espaço do conhecimento poético e científico e será que contribui para a formação de leitores e leitoras? No desenvolvimento deste trabalho verificou-se que ao longo do tempo, as bibliotecas não tiveram como objetivo a formação de leitores. Em tese, formar leitores, a maioria das escolas não cumpre isso. Muda-se de função com o passar do tempo, em conformidade com a vontade de verdade de cada época, como nos lembra Foucault, mas a mudança não ocorre em função da formação de leitores e leitoras.

Atualmente, o que se espera não seria a biblioteca como substituta da escola, ambas deveriam realizar um trabalho em conjunto, isto é, de mão dupla. Enfim, a verdadeira inovação da escola será talvez modificar em profundidade as regras de interação entre o leitor, a leitura e a biblioteca.

As bibliotecas são lugares de confrontos, de sonhos e de pesadelos. Lugares onde se inscrevem as angústias e as esperanças de uma época, bem como suas contradições e confusões, espaços estes permeados por tensões contraditórias, mas que estão abertos ao mundo das realidades e das ideias. São instrumentos privilegiados do saber por meio dos quais, nossa tradição, nossa memória coletiva e nosso patrimônio cultural se mesclam para urdirem o tecido a que chamamos de identidade se constitui, se nutre e se valoriza. Portanto, seja como espaço físico, como símbolo de uma ordem cósmica ou social, ou como forma visível da razão humana, as bibliotecas são lugares que guardam histórias e despertam o fascínio e o encantamento. Lugares onde tais elementos se transmutam, perturbando e excitando fantasias, irmanando o sonho com a ação.

[...] tudo isso encontra manifestação material nesse auto-retrato que chamamos de biblioteca. E nosso amor a ela, nosso desejo de conhecê-la melhor, nosso orgulho por suas façanhas, enquanto andamos entre estantes cheias de livros que prometem mais e mais delícias, são algumas das provas

mais felizes e comoventes de que conservamos – apesar das misérias e pesares desta vida e mais até do que desejaria alguma divindade ciosa – uma fé íntima, consoladora, quiçá redentora, em algum método por trás da loucura. (MANGUEL, 2006; p.265/266).

O ideal de uma biblioteca é que no meio de centenas de livros delgados ou espessos, multicoloridos ou pálidos, ordenados ou amontoados nas prateleiras, houvesse a *prática de leitura*, em todas as disciplinas, porque ler ensina a pensar o mundo com os olhos de outros; quando se lê com autenticidade consegue-se ler além do que está escrito entre uma página e outra do livro. Esta é a reinvenção necessária da leitura, longe da prescrição de fichamentos com perguntas e respostas.

Quando se ensina os/as estudantes a lerem, ele/as começam a folhear os livros, vão lendo com maior interesse e exclamando, como Fedina: - “Santo Deus! Mas quanta coisa a gente aprende! Quem diria!” (CALVINO, 2007, p.76).

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 2. ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A Formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BATTLES, Mate. *A conturbada história das bibliotecas*. Trad. João Virgílio Gallerani Cuter. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003.

BRASIL, LEI no 12.244, de 14 de maio de 2010
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso: 30. maio. 2010.

CALVINO, Italo. *Um general na biblioteca*. 2. ed. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (orgs). *História da leitura no Mundo Ocidental*. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 2002. vol. 1.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Trad. Luzmaras Cursino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1999.

ECO, Humberto. *A biblioteca*. Trad. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas, Lisboa: Difel, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 26. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro Graal. 2008.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau Ed. 1999.

GIL, Gilberto. PNLL: *Estado e Sociedade pelo desenvolvimento da leitura no Brasil*. <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/especial.asp?EditeCodigoDaPagina=1006>. Acesso: 16. jan.2010.

LIBÂNEO, J. Carlos. *Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas*. Anais do X ENDIPE. Rio de Janeiro, 2000. p.11- 45.

MANGUEL, Alberto. *Biblioteca à Noite*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Brinquet de Lemos/Livros, 2006.

MÜLLER, Suzana P. Machado. *Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca*. *R. Esc. Biblioteconomia*. UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

RICHÉ, Pierre. *As bibliotecas e a formação da cultura medieval*. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Dir). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Trad. de Marcela Mortara, 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, 246-256.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SILVA, Waldeck Carneiro de. *Miséria da biblioteca escolar*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: v.45).